



Análise dos Índices de Polifonia em Textos Jornalísticos da Carta Capital¹

Fabiana PELINSON²

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O presente artigo investigou a presença de recursos linguísticos de natureza argumentativa presentes em textos jornalísticos publicados na revista Carta Capital. Este artigo tem como princípio identificar de que forma o meio de comunicação em questão se vale de alguns mecanismos de textualização para informar seu público e provocar reações em seus leitores. A pesquisa envolveu a análise de cinco textos publicados no site da revista Carta Capital nos meses de fevereiro e março de 2012. A metodologia baseou-se na Teoria da polifonia desenvolvida por Ducrot (1977), além de estudos de Koch (2006) e Bakhtin (1986). Os resultados apontam que os recursos linguísticos argumentativos são frequentemente usados pelos jornalistas e tem como motivação inicial, dar a responsabilidade pela compreensão do enunciado ao leitor, por vezes, fazendo com que o locutor se distancie do que é dito.

PALAVRAS-CHAVE: índices de polifonia; marcadores de pressuposição; jornalismo; Carta Capital.

1 INTRODUÇÃO

Quando nos comunicamos por meio da língua(gem) oral, escrita ou gestual existem fins a serem atingidos e/ou efeitos de significação que pretendemos causar. É a partir disso que Koch (2006) afirma que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo. Ou seja, orientamos os enunciados produzidos no sentido de determinadas conclusões, procurando dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa. Existem mecanismos na nossa língua que indicam a argumentação dos enunciados, que são denominados de marcas linguísticas da enunciação ou da argumentação. Os índices de polifonia e os operadores argumentativos são alguns desses mecanismos.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 02 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 7º semestre de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo da UFSM, email: fabianapelinson@gmail.com



Todo enunciado tem um objetivo ou uma finalidade. Por vezes, estes não são manifestados de forma explícita, mas implicitamente, fazendo com que o emissor use de diversos recursos linguísticos a fim de que o receptor reconheça e entenda o propósito de seu enunciado. Nesses textos o leitor é levado a refletir sobre o que está sendo veiculado pelo meio de comunicação.

Para Austin (apud FIORIN, 2006), a linguagem tem a função de agir, de realizar atos por meio da fala. Já para Grice (apud FIORIN, 2006), a linguagem natural comunica mais do que aquilo que um enunciado significa, pois quando se fala, comunicam-se também conteúdos implícitos, que são compreendidos de acordo com o contexto em que se dá a enunciação.

Estudos voltados para a compreensão da linguagem como uma forma de interação e ação social são de suma importância para que se entenda a língua não só pela sua estrutura, mas pelo seu contexto de uso.

No presente estudo procura-se detectar a presença de recursos expressivos de natureza argumentativa nos textos publicados pela revista Carta Capital, a fim de entender quais os recursos mais utilizados e qual a finalidade dos mesmos.

2 ÍNDICES DE POLIFONIA

O termo polifonia remete às várias vozes de um discurso. Segundo Koch (2006, p. 63) “o termo polifonia designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir “vozes” que falam de perspectivas diferentes com as quais o locutor se identifica”. É um processo de interação não somente entre locutor e interlocutor, mas sim entre diversas pessoas em um único texto. A presença dos índices de polifonia reforça a idéia de inexistência de um discurso puro. Segundo Maingueneau (2000), o texto visto como a materialização do processo de construção discursivo adquirirá sentido na percepção e confronto dos outros textos que o perpassam. A interpretação de um texto sempre vai depender da relação que se estabelece com outros textos que fazem parte da base da primeira construção textual.

Conforme indicam Platão e Fiorin, (2002, p. 73), “chamamos procedimentos argumentativos a todos os recursos acionados pelo produtor do texto com vistas a levar



o leitor a crer naquilo que o texto diz e a fazer aquilo que ele propõe”. Dessa forma, a polifonia manifesta-se nos diversos textos, pois esse recurso contribui para que se alcancem os efeitos que pretendemos causar ou obter do receptor determinadas reações.

Os operadores argumentativos, os marcadores de pressuposição, o futuro do pretérito e o uso das aspas são índices de polifonia.

2.1 A Teoria da Polifonia

Desenvolvida por Ducrot, a Teoria da polifonia passou por várias reformulações. Na versão de 1969, Ducrot propõe uma teoria no qual o enunciado produz: (a) um ato ilocutório de asserção – o posto – o que é dito é de responsabilidade do locutor; (b) um ato ilocutório de pressuposição – o pressuposto -, quando se diz implicitamente alguma coisa e espera-se que o receptor compreenda o enunciado.

Já em 1972, Colares (2001) propõe uma escala argumentativa, partindo da assunção ou concepção de que a argumentatividade é uma atividade que se deve deixar traços na organização linguística do texto, os nexos linguísticos funcionam como operadores argumentativos. A orientação argumentativa, no universo discursivo, fornece critérios de avaliação da coerência dos argumentos.

Na reformulação da descrição de pressuposição (DUCROT, 1977), esta é entendida como um ato de fala que pode ocorrer no nível do enunciado ou aparecer na forma de subentendido. O alocutário necessita considerar o contexto e as condições em que o discurso foi produzido para sua interpretação (COLARES, 2001 p. 22).

A diferença entre locutor e interlocutor é acrescentada à Teoria da polifonia em 1980. O locutor é quem produz o enunciado e por ele se responsabiliza e o enunciador “é aquele a quem é atribuída à responsabilidade dos atos ilocutórios veiculados pelo enunciado do locutor.” (Colares, 2001 p. 22).

Quatro anos mais tarde, a Teoria passa por outra reformulação, fragmentando a figura do locutor. Colares explica essa reelaboração,

O locutor passa a ser uma figura não enunciativa, diversa do falante, externa ao discurso. Assim, [L] é o locutor enquanto responsável pela enunciação, constituído no nível do dizer, através da forma do enunciado. [I] é o locutor enquanto ser-no-mundo, constituído no nível do dito, através do conteúdo do enunciado. O enunciador [E] opera no nível do posto e do pressuposto. As vozes [E1] e [E2],



veiculadas através da enunciação, expressam pontos de vista com os quais o locutor se identifica ou a eles se opõe (COLARES, 2011 p. 22).

2.2 Operadores argumentativos

Alguns operadores argumentativos participam do texto como outra voz, informando algo com maior força argumentativa e dessa forma, convencendo o receptor. Operadores pertencentes ao grupo do *mas* e do *embora* introduzem outras vozes com poder argumentativo capaz de dar ao discurso legitimidade. São operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias. Na mesma linha polifônica, os operadores *no entanto* e *portanto* conduzem o leitor a sentenças tidas como certas e verdadeiras. Segundo Souza (2008, p. 02), “essa estratégia evoca diversas vozes no discurso e favorece a aceitação do mesmo, já que o ouvinte pode se identificar com a ideologia veiculada por meio da enunciação.” Outros operadores como *ao contrário* e *pelo contrário* são índices polifônicos. Por exemplo, quando dissemos “Lúcio não é um traidor. *Pelo contrário*, tem-se mostrado um bom genro” faz-se ouvir uma outra voz que afirma ser Lúcio um traidor e é esta a afirmação implícita que se dirige ao operador *pelo contrário*.

2.3 Marcadores de pressuposição

Com os marcadores de pressuposição o enunciado se desdobra em duas informações, pois contém subentendidos. Segundo Ducrot, o conteúdo pressuposto pelos marcadores não é de responsabilidade somente do autor, mas é algo partilhado por ele e seu interlocutor e por toda a comunidade a que este pertence. Inúmeras vozes fazem com o que o receptor entenda o enunciado. Conforme Ducrot (1972, p. 77) “pressupor não é dizer o que o ouvinte sabe ou o que se pensa que ele sabe ou deveria saber, mas situar o diálogo na hipótese de que ele já soubesse”. As intenções do emissor são expressas de forma indireta.

2.4 O uso das aspas

O uso de aspas é um modo de manter distância do que se diz, colocando na boca de outras pessoas. Segundo Souza (2008) ao citar outra voz ocorre um distanciamento da fala do interlocutor, o que funciona como fator de credibilidade e serve também para



justificar uma crítica ou um questionamento, ou seja, o locutor insere outras vozes em seu discurso para fundamentar sua tese e conquistar a adesão de seu ouvinte.

2.5 Uso do futuro do pretérito

O uso do futuro do pretérito é utilizado para que o locutor não se responsabilize pelo que é dito, atribuindo-a a outro alguém.

O futuro do pretérito é utilizado quando o locutor se isenta do discurso produzido e confere toda a responsabilidade da enunciação e seus possíveis efeitos a outra voz citada em sua locução. O recurso polifônico se caracteriza pelo uso da fala de outro para embasar a pretensão comunicativa do locutor, e uma vez que todo discurso espera adesão por parte de quem o recebe, se a tese for confirmada ou negada em função do desfecho pré-anunciado, a interação almejada terá atingido o seu objetivo (SOUZA, 2008 p.03).

Os recursos linguísticos reveladores da polifonia, na maioria das vezes, são utilizados pelo emissor com o intuito de estabelecer uma proximidade e interagir de uma maneira melhor com seus receptores. Com outras vozes dentro do discurso, o receptor se identifica com a informação consumida e toma um posicionamento favorável ou não àquela informação. Conforme Souza (2008) o discurso alcança, em função das vozes presentes, um poder transformador. E mobilizado pelo discurso, o receptor acredita na informação e pode passá-la adiante com confiabilidade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia empregada na pesquisa envolveu a leitura e seleção dos textos jornalísticos publicados no site da revista Carta Capital, no período considerado. O corpus selecionado constitui-se de cinco textos retirados na revista referida, nos meses de fevereiro e março de 2012. Os critérios utilizados para a seleção foram o período do ano, as editorias e a identificação ou não de recursos argumentativos. Desse modo, a amostra selecionada apresenta textos de diversas editorias presentes no site da Carta Capital.

Uma das motivações fundamentais desta investigação é identificar os efeitos dos índices de polifonia na veiculação de informações e se sua prática é recorrente ou não.



O procedimento básico foi a leitura dos textos, e através dela buscou-se localizar os índices de polifonia presentes no discurso jornalístico. A análise dos textos coletados enfocou o campo da polifonia, exemplificando e explicando separadamente o porquê do uso de cada um dos mecanismos textuais dentro da narrativa.

A observação e análise foram feitas a partir da Teoria polifônica de Ducrot, além de estudos de Koch (2006) e Koch e Travaglia (1995).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Os recursos linguísticos utilizados presentes nos enunciados permitem que o leitor entenda os caminhos escolhidos pelo emissor, qual a argumentação utilizada e como texto e contexto se relacionam. A seguir, constam as matérias publicadas e as análises feitas.

4.1 Cancelamento de contrato é ‘vergonhoso’, diz chefe da Força Aérea americana³

Nesta matéria publicada no dia 01/março nota-se a presença dos usos das aspas, marcadores de pressuposição e operadores argumentativos.

O **uso das aspas** estão presentes nos seguintes momentos:

O chefe da Força Aérea americana disse nesta quarta-feira 29 que o cancelamento do contrato para a compra dos aviões Super Tucano da Embraer para o Afeganistão é “*vergonhoso*” e prometeu rever rapidamente a licitação.

“*Não há como ficar satisfeito com isso*”, disse (...)

Ele disse que a Força Aérea relançaria “*rapidamente*” a disputa (...) “*Trabalharemos com rapidez*”, completou.

Schwartz disse que será “*uma profunda decepção*” se os fatos mostrarem que a Força Aérea estragou o contrato.

³ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em:
<http://www.cartacapital.com.br/economia/cancelamento-de-contrato-e-vergonhoso-diz-chefe-da-forca-aerea-americana/> Acesso em: 02 março de 2012.



“Uma das coisas com as quais estou mais triste – sem mencionar a vergonha que esse fato traz para nós como Força Aérea – é o fato de que estamos deixando nossos parceiros na mão aqui”, disse.

“Posso garantir que se isso não foi um erro inocente, haverá punições”, completou. Ele disse que a Força Aérea trabalhará duro para resolver o problema.

Percebe-se que o uso das aspas foi bastante frequente na presente matéria. O uso das aspas, em todos os casos exemplificados, tem como função responsabilizar o outro pelas consequências do enunciado. Devido a uma determinada situação, o locutor prefere se posicionar com prudência, colocando o enunciado na “boca” de outros. O fato analisado detém certa polêmica, dessa forma, o locutor minimiza a sua responsabilidade.

O **marcador de pressuposição** está presente no seguinte trecho:

A decisão representou um revés para a Força Aérea, que tenta mudar suas práticas de compra de armamentos depois que uma licitação para um *novo* tanque de abastecimento de voo foi marcada por escândalos e controvérsias.

Essa conclusão pressupõe que o sujeito da frase já teve um outro tanque de abastecimento de voo. A pressuposição engloba duas afirmações partilhadas entre locutor e interlocutor. Esse recurso é utilizado para que o receptor ative seu conhecimento lingüístico e assim compreenda o discurso. Segundo Ducrot (1977), os marcadores de pressuposição são elementos lingüísticos que introduzem conteúdos pressupostos, ou seja, as informações que se encontram implícitas no enunciado.

Na matéria em questão, encontrou-se também um **operador argumentativo**:

(...) a compra dos 20 aviões AT-29 Super Tucano da Embraer foi fechado em dezembro como parte dos planos para armar o exército afegão após a saída da Otan daquele país. *Mas* a Força Aérea americana informou que não estava “satisfeita” com a documentação apresentada na decisão.

O operador argumentativo *mas* contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias. O locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma conclusão e, logo em seguida, opõe-lhe um argumento decisivo para a conclusão contrária. No exemplo acima, o autor afirma que o contrato para compra dos aviões foi fechado, para logo depois expõe uma conclusão contrária, afirmando que a Força Aérea



não aceitou a documentação apresentada. Ducrot afirma que o operador *mas* emprega a “estratégia do suspense”, faz com que venha à mente do interlocutor a primeira conclusão, para depois introduzir o argumento que irá levar a uma conclusão contrária.

Os operadores argumentativos mobilizam outros discursos e dessa forma, fazem com que o leitor forme a sua própria opinião. Segundo Fiorin (2006, p. 45) “se um discurso cita outro discurso, ele não é um sistema fechado em si mesmo, mas é um lugar de trocas enunciativas, em que a história pode inscrever-se, uma vez que é um espaço conflitual e heterogêneo ou um espaço de reprodução”.

4.2 Vai que é sua, Aécio!⁴

Na matéria publicada pela Carta Capital, na editoria de Política no dia 22/fevereiro nota-se a presença de operadores argumentativos, o uso das aspas e do uso do futuro do pretérito.

Percebemos o **uso das aspas** já no título da matéria e também no corpo do texto:

É como se dissesse com um gosto amargo na boca: “*Vai que é sua, Aécio!*”. Por que terá oferecido o privilégio ao adversário?

Nesse caso em específico, podemos percebemos como o autor se posiciona “longe” do que é dito. Usando as aspas, o autor mantém distância do que diz, mas deixa transparecer um ponto de vista.

O **uso de operadores argumentativos** também esteve presente na matéria:

Ou seja, abriu mão do papel principal para tentar tornar-se um ator coadjuvante, *embora* importante, na disputa eleitoral de 2014. Isso, *no entanto*, se vencer a corrida para a prefeitura de São Paulo.

O operador *embora* opõe argumentos enunciados de perspectivas diferentes, que orientam para conclusões contrárias. Utilizando esse operador o locutor utiliza a estratégia de antecipação, ou seja, anuncia, de antemão, que o argumento introduzido pelo *embora* vai ser anulado. Nesse caso, o fato do candidato abrir mão do papel

⁴ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/vai-que-e-sua-aecio/> Acesso em: 02 março de 2012.



principal é anulado quando o autor diz que ele ainda é importante na disputa eleitoral. Já o operador argumentativo *no entanto* introduz uma visão contrária. Ou seja, o candidato só será realmente importante se vencer a corrida eleitoral.

O **uso do futuro do pretérito** também foi encontrado na matéria sobre Aécio:

Motivo: os dois *estariam* com a cabeça e o coração mais focados em Brasília do que em São Paulo.

O locutor opta pelo verbo no futuro do pretérito, pois apresenta uma possibilidade, uma hipótese. Isso possibilita que ele se afaste da responsabilidade pelo que é dito. O locutor acredita que os candidatos estejam mais focados na Presidência do que no Governo de São Paulo, mas como não pode afirmar isso com certeza, e não quer se responsabilizar pelo que é dito, usa o verbo no futuro do pretérito.

4.3 Zimbábue: Eleições à vista?⁵

A matéria publicada na editoria Internacional, apresenta uma explicação sobre alguns problemas políticos ocorridos no Zimbábue. Nela, encontramos operadores argumentativos, aspas e o uso do pretérito do futuro. Vejamos as análises individuais de cada um destes elementos.

São três os **operadores argumentativos** utilizados na matéria.

No entanto, antes do referendo o rascunho precisará ser aprovado por dois terços do Parlamento (...)

Existe uma probabilidade muito pequena de que a medida seja aprovada com esse dispositivo, *mas* Mugabe e sua Frente Patriótica da União Nacional Africana do Zimbábue (...)

Existem *portanto* vários cenários políticos possíveis. O menos provável é que haja um acordo razoavelmente rápido sobre um esboço constitucional (...)

⁵Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em:
<http://www.cartacapital.com.br/internacional/zimbabue-eleicoes-a-vista/> Acesso em: 02 março de 2012.



No primeiro caso o operador *no entanto* introduz uma visão contrário ao que é postulado acima do enunciado analisado. O autor, anteriormente, informa que haverá uma conferência para discussão da Constituição, seguida de apresentação no Parlamento e submetida a um referendo nacional. Depois, com o uso do operador argumentativo, o autor introduz uma visão contrária ao postulado anterior, informando que antes do referendo nacional, a possível Constituição tem de ser aprovada por dois terços do Parlamento.

No segundo caso, o locutor introduz em seu discurso um argumento possível, ou seja, afirma que a medida pode ser aprovada por meio do dispositivo e, logo em seguida, opõe outro argumento para uma conclusão contrária. Nesse caso, o locutor opõe-se afirmando que o atual presidente e sua Frente poderiam usar essa disputa para convocar eleições e por isso utiliza o operador argumentativo *mas*.

O *portanto* é um operador conclusivo, é como se uma voz ressoasse no discurso. Nesse caso, o locutor concorda com a premissa introduzida anteriormente, argumentando no mesmo sentido.

O **uso das aspas** esteve presente apenas uma vez no texto analisado.

Esta deverá ser enviada para discussão em uma “*conferência de todos os interessados*”, antes de ser apresentada ao Parlamento (...)

As aspas são usadas para que o autor não se responsabilize pelo que é dito. Dessa forma, a postura é assumida por outro locutor.

4.4 As micro soluções para os macro problemas⁶

Publicada no espaço Carta Verde, a matéria faz uma análise sobre o problema do transporte nas grandes capitais brasileiras. Operadores argumentativos e marcadores de pressuposição foram utilizados pelo autor.

Foram utilizados, durante três vezes, o **operador argumentativo** *mas*.

⁶ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/as-micro-solucoes-para-os-macro-problemas/> Acesso em: 02 março de 2012.



Fácil? É óbvio que não, *mas* se ao menos nossos planejadores tivessem isso em mente, não tomariam atitudes paliativas (...)

A prefeitura alega que a medida irá desafogar o trânsito local, *mas* o que estamos acostumados a ver é o rápido esgotamento da medida (...)

Não é a primeira vez que falo sobre isso e, muito provavelmente, não será a última, *mas* não é possível e minimamente racional imaginar que a melhora no transporte das grandes cidades passe pelo transporte individual.

Nos três casos, o uso do operador *mas*, como explica Koch (2006), cria a “estratégia do suspense”, faz com que venha à mente do interlocutor a conclusão R, para depois introduzir o argumento que irá levar à conclusão ~R. Ou seja, primeiro o locutor nos diz que a prefeitura garante que a medida vai melhorar o trânsito e logo depois apresenta argumentos que apontam para uma outra conclusão, de que a medida se apresenta ineficaz e a volta dos congestionamentos.

Um **marcador de pressuposição** também foi utilizado pelo autor, no seguinte trecho:

Enquanto isso, novas e reluzentes montadoras de automóveis vão *continuar* a se instalar no Brasil e aplaudidas por todos como se representassem a pujança do nosso país.

O *continuar* é um marcador de pressuposição nesse trecho, quando presente no enunciado introduz conteúdos semânticos adicionais os quais, sem a presença deles, não existiriam. Nesse caso, o verbo indica a permanência de estado. Fica pressuposto, neste caso, que as montadoras de automóveis já se instalavam no Brasil há algum tempo.

4.5 Proteja suas pegadas do Google⁷

As marcas linguísticas presentes no enunciado permitem que o leitor perceba algumas relações entre o texto e seu contexto. No texto analisado, os operadores argumentativos e o futuro do pretérito estão presentes.

O **operador argumentativo** *mas* foi encontrado nos seguintes fragmentos:

⁷ Matéria publicada no site da revista Carta Capital. Disponível em:
<http://www.cartacapital.com.br/internacional/proteja-suas-pegadas-do-google/> Acesso em: 02 março de 2012.



A nova política de privacidade do Google entra em vigor em todo o mundo em 1º de março, *mas* já desperta polêmica entre os internautas.

Caso isso ocorra, a FTC pode impor multas de mais de 16 mil dólares por dia para cada violação. *Mas* ainda há tempo para aqueles que quiserem manter seus passos na internet em segredo (...)

O operador argumentativo foi usado, nos dois casos, como uma forma de contrapor argumentos para uma conclusão contrária. Como no primeiro exemplo, primeiramente o locutor nos diz que a política de privacidade entrará em vigor e março e logo em seguida, contrapõe afirmando que apesar do tempo que falta para que a política de privacidade seja efetuada, o assunto já gera polêmica.

Já o uso do **futuro do pretérito** é contatado no seguinte fragmento:

(...) além de pedirem mais tempo antes de sua aplicação para analisar se a privacidade dos usuários *estaria* devidamente protegida.

Nesse caso, o verbo usado no futuro do pretérito indica que o locutor não quer ser responsável pelo que é dito. É como se ele não tivesse plena certeza do que diz e por isso coloca a informação sob dúvida, abstendo-se da responsabilidade pelo que é dito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou investigar como a revista Carta Capital se vale de alguns recursos expressivos de natureza argumentativa para passar ao leitor a responsabilidade de interpretar tais informações. As conclusões indicam que os recursos argumentativos são usados com frequência pelos jornalistas da revista, tanto que das cinco matérias aqui analisadas, em todas elas constatamos a presença de mais de um recurso expressivo.

Assim a leitura analítica dos textos permitiu interpretar a função dos recursos linguísticos utilizados nos enunciados. Em alguns casos, o recurso foi utilizado como uma maneira do locutor se abster da responsabilidade do que é dito e em outras o locutor coloca a informação na “boca” de outrem.



De modo que a meta do trabalho foi atingida, na medida em que temos consciência que os índices polifônicos são utilizados e fazem parte da narrativa jornalística da revista e entendendo quais os efeitos que o locutor pretende causar em seu leitor com o uso desses recursos em seu texto.

Em conclusão, foi bastante proveitoso compreender os motivos pelos quais os locutores fazem uso dos índices polifônicos e em como estes são determinantes para a compreensão de um enunciado.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLARES, V. **Estratégia da Retextualização**: um estudo de caso da TD nº 0201 (F02A(100 – 242). Revista Interloquções, 2001.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1986.
- DUCROT, O. **Princípios de Semântica Lingüística**. Tradução Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1977
- DUCROT, O. **Esboço de uma teoria polifônica da enunciação**. In: O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, J. L. e SAVIOLI, F. P. **Para Entender o Texto**. São Paulo, Ática, 2002.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo, Ática, 2006.
- KOCH, I.; BENTES, A; CAVALCANTE, M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, I; TRAVAGLIA, L. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 1995.
- KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006
- SANTOS, J. **Jornalismo Institucional**: recursos argumentativos e implícitos textuais presentes no discurso jornalístico. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 03, nº 02, 2011.
- SOUZA, A. A. **Análise dos Índices de Polifonia no Gênero Editorial**. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal4/comunicacoesPDF/28_polifoniaSOUZA.pdf. Acesso em: 10 de março 2012.